

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Reabilitação da Adega Cooperativa de Portimão:
uma escola de artes**

Tiago Miguel Costa de Jesus

Orientadora: Prof.^a Doutora Clara Germana Ramalho Moutinho Gonçalves

Setembro 2014

TIAGO MIGUEL COSTA JESUS

**REABILITAÇÃO DA ADEGA COOPERATIVA DE
PORTIMÃO: UMA ESCOLA DE ARTES.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 24/10/2014 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 18/2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.^a Doutora Sandra Morgado Neto

Vogais:

Prof.^a Doutora Ana Paula Parreira Correia
Rainha (Arguente)

Orientador:

Prof.^a Doutora Clara Germana Ramalho
Moutinho Gonçalves

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2014

Resumo

A discussão sobre a preservação dos edifícios modernos e, mais do que eles, dos edifícios ou conjuntos arquitetónicos significativos do Movimento Moderno que, quer pelas suas qualidades arquitetónicas, quer pela sua recetividade ao longo do tempo, caracterizaram-nos como manifestos construtivos ou monumentos culturais.

É nesse pressuposto que surge a presente dissertação.

O presente documento divide-se em duas partes, a primeira define-se como um estudo teórico, abordando temas, não exclusivamente ligados ao património, mas considerando-o importante quando associado a edifícios industriais.

É feita uma referência a alguns dos principais intervenientes na produção arquitetónica no Algarve durante o Movimento Moderno, e algumas noções presentes em cartas e convenções, referentes à salvaguarda de edifícios industriais.

O estudo prossegue com a evolução tipológica e formal dos edifícios industriais, e a relevância dos mesmos no início do Movimento Moderno. Onde se aprofunda o caso português cronologicamente, em função dos acontecimentos significantes a nível sociocultural, paralelamente a um apanhado de alguns dos edifícios industriais mais proeminentes a nível nacional.

É feita uma seleção de estudos de caso, onde surgem edifícios como, a Faculdade de Arquitetura de Évora, a Oliva Creative Factory, o Centro Avançado de Formação Pós-Graduada em Guimarães e a Escola Superior de Tecnologia do Barreiro.

Deste modo realizou-se uma composição onde se reúnem assuntos relacionados com a reabilitação de edifícios industriais modernos. Servindo de mote e apoio para a segunda parte da dissertação, onde se materializa uma intervenção num edifício. É feita uma requalificação da Adega Cooperativa de Portimão, alterando o uso para uma escola de ensino artístico.

Palavras-chave: Modernismo; Requalificação de edifícios industriais; Escola de artes; Património industrial.

Abstract:

The discussion on the preservation of modern buildings, particularly, buildings or significant architectural ensembles of the Modern Movement that, both for its architectural qualities, either by their receptivity over time, were characterized as constructive manifestos or cultural monuments is inherently controversial in relation to modernism itself.

It is this assumption that arises this thesis.

This document is divided into two parts, the first is defined as a theoretical study, addressing issues, not exclusively linked to heritage, but considering it important when associated with industrial buildings.

A reference is made to some of the key players in the architectural production in the Algarve during the Modern Movement, and some notions present in charters and conventions relating to the protection of industrial buildings.

The study continues with the typological and formal evolution of industrial buildings, and the relevance of the same in the beginning of the Modern Movement. Which deepens the Portuguese case chronologically, due to the significant socio-cultural events, along with an overview of some of the most prominent industrial buildings nationwide.

A selection of case studies, where buildings such as the Faculty of Architecture of Évora, Oliva Creative Factory, Advanced Postgraduate Training Center in Guimarães and the School of Technology Barreiro arise is made.

Thus we carried out a composition where issues are met related to the rehabilitation of modern industrial buildings. Serving mote and support for the second part of the dissertation, which materializes an intervention in a building. Reclassifying the Adegas Cooperativas de Portimão, made by changing the use of it for a school of art.

Key-words: Modernism; Redevelopment of industrial buildings; School of Arts; Industrial Heritage.

Agradecimentos:

Desde já expresso aqui os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que de algum modo contribuíram para o culminar da presente dissertação.

Aos meus colegas, que durante este percurso académico me acompanharam e apoiaram.

Aos meus familiares e amigos, que sempre me incentivaram e me deram força para continuar em frente.

À Arq. Luísa Galvão de Castro, filha de António Vicente de Castro, pela simpatia e disponibilidade na partilha de informação.

Aos professores, bem como a todo a equipa técnica desta instituição, em especial à minha orientadora, a Prof.^a Doutora Clara Germana Ramalho Moutinho Gonçalves pela orientação e tempo despendido no decorrer da dissertação.

Introdução	02
-------------------	-----------

I Parte

1. Enquadramento	06
2. Património Arquitetónico Industrial	10
2.1 <u>Conceito de Património Industrial</u>	<u>10</u>
2.2 <u>Património industrial do Movimento Moderno</u>	<u>12</u>
2.2.1 Na Europa	12
2.2.2 Em Portugal	18
3. Estudo de casos	27
3.1 <u>Faculdade de Arquitetura de Évora</u>	<u>28</u>
3.2 <u>Oliva Creative Factory</u>	<u>30</u>
3.3 <u>Centro avançado de Formação Pós-Graduada de Guimarães</u>	<u>32</u>
3.4 <u>Escola Superior de Tecnologia do Barreiro</u>	<u>34</u>

II Parte

1. <u>Reabilitação da Adega Cooperativa de Portimão:</u>	
<u>Conceito e Desenho</u>	37
1.1. Enquadramento	37
1.2. Descrição do projeto	39
2. <u>Fotos da Maquete</u>	45
3. <u>Lista de peças desenhadas</u>	49
4. <u>Projeto / Peças desenhadas (em anexo)</u>	
<u>Reflexão crítica</u>	52
<u>Bibliografia</u>	54

Introdução

A presente dissertação constitui-se como uma reflexão sobre a reabilitação de edifícios industriais em geral, tendo como enquadramento, os do Movimento Moderno e escolhendo como edifício a reabilitar um exemplo da cidade de Portimão.

Optou-se por um edifício que reunisse estas características, estivesse desativado e a necessitar de uma intervenção de restauro, manutenção ou adequação a um novo uso.

Assim, para a realização da presente Dissertação de Mestrado em Arquitetura, propõe-se um projeto de requalificação da Adega Cooperativa de Portimão, projetada em 1958/59 por António Vicente de Castro, um dos pioneiros do Movimento Moderno no Algarve.

E embora o edifício da Adega Cooperativa de Portimão não esteja catalogado como património, considera-se que o mesmo, pelas suas características arquitetónicas e por ter contribuído no desenvolvimento de uma população, assume uma posição de destaque na cidade de Portimão.

Não se prevendo uma necessidade imediata de suprir a necessidade de um equipamento deste tipo na cidade de Portimão e pelo seu estado de conservação, entendeu-se como a melhor solução, alterar-lhe o uso, tornando-o numa mais-valia urbana e social.

Objetivos

Pretende-se a criação de uma escola superior de ensino artístico (Escola Superior de Artes de Portimão), mantendo o edifício como uma memória do local. Prevê-se uma utilização para os cursos de Arquitetura (5 anos), pintura (4 anos), design gráfico (4 anos) e design de ambientes (3 anos). Aponta-se para uma ampliação do mesmo, através do subsolo. Esta ampliação permitirá ao edifício desenvolver-se com um impacto exterior mínimo.

Método

Para realizar uma proposta de requalificação para a Adega Cooperativa de Portimão, realizaram-se as seguintes tarefas:

- Recolha de informação referente ao edifício existente, como cartografia, realização de levantamento fotográfico, breve história do edifício e do seu autor, projeto original ou execução de levantamento do existente;
- Análise destes elementos, organizando concisamente toda a informação relativa à Adega Cooperativa de Portimão;

- Definição do existente, estudo da sua espacialidade, determinando as suas potencialidades de adequação a um novo programa, bem como a possibilidade de uma eventual ampliação;
- Seleção de bibliografia referente a requalificação de edifícios e a escolas de arte.
- Análise da bibliografia selecionada;
- Estudo de casos;
- Execução do projeto de arquitetura paralelamente à investigação.

Estrutura

O presente documento divide-se em duas partes, a primeira define-se como um estudo teórico, iniciando com um enquadramento ao tema, onde se faz referência a alguns dos principais intervenientes na produção arquitetónica no Algarve durante o Movimento Moderno. Bem como algumas noções referentes à salvaguarda de edifícios.

Em seguida introduz-se mais concisamente o tema abordado, onde o conceito de património industrial é salientado a nível internacional e nacional. Evidenciando, que em Portugal, a temática da preservação desde cedo foi alvo de alguma preocupação.

O estudo prossegue com a evolução tipológica e formal dos edifícios industriais, e a relevância dos mesmos no início do Movimento Moderno. Onde se aprofunda o caso português cronologicamente, em função dos acontecimentos significantes a nível sociocultural, paralelamente a um apanhado de alguns dos edifícios industriais mais proeminentes a nível nacional.

Relativamente aos estudos de caso, selecionaram-se edifícios como, a Faculdade de Arquitetura de Évora, a Oliva Creative Factory e o centro avançado de Formação Pós-Graduada em Guimarães, que partem do mesmo princípio adotado: a requalificação de um edifício industrial. A Escola Superior de Tecnologia do Barreiro, que embora seja uma construção de raiz, apresenta, assim como os anteriormente referidos, semelhanças a nível programático.

Por fim na segunda parte, apresenta-se a proposta para a requalificação da Adega Cooperativa de Portimão, onde: o objeto de estudo é apresentado com mais detalhe, seguido da descrição do projeto em si.

Considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, em que o resultado da proposta foi uma conjugação harmoniosa de dois estilos arquitetónicos distintos, o desafio de projetar um edifício subterrâneo veio-se a revelar uma agradável surpresa, e talvez a melhor forma de enaltecer o espaço, sem desrespeitar a imagem do edifício da adega.

1. Enquadramento

1. Enquadramento



<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/02/beco-antonio-vicente-de-castro.html>

António Vicente de Castro (1920-2002), aluno exemplar do mestre Carlos Ramos na Escola de Belas Artes do Porto sedia o seu gabinete de arquitetura em Portimão em 1956, onde por mais de quatro décadas desenvolve uma intensa atividade profissional.

Refere a propósito da exposição em Portimão no âmbito do Ano Nacional da Arquitetura em 2003, com o tema Arquitetos da Geração Moderna, José Manuel Fernandes: “António Vicente de Castro, autor qualificado e combativamente coerente com o seu tempo e a sua geração, introdutor da arquitetura moderna no barlavento algarvio, bem merece a continuação do estudo sobre a sua obra mas, acima de tudo, uma pensada proteção, restauro e preservação das suas mais notáveis criações.”

CASTRO, Luisa Galvão. *Arquitectura Modernista no Algarve: a propósito dos «barracões» que envolvem a nova Câmara de Lagos.* Consultado em 17/01/2014. <http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=35167>

Num período em que, no Algarve, a produção arquitetónica erudita de carácter modernista se debatia com uma crescente massificação construtiva, orientada principalmente para o turismo, regrada por modelos construtivos do início do século XX, António Vicente de Castro, licenciado pela Escola de Belas Artes do Porto em 1955, apresenta-se como um dos pioneiros do Movimento Moderno no Algarve, e aí desenvolve o seu trabalho, mais precisamente, em Portimão.

Outros alunos da mesma Escola – Manuel Laginha (1919-1985), que projetou principalmente para Loulé, Quarteira e Olhão e Manuel Gomes da Costa (n.1921) que projetou principalmente para Tavira, Olhão, Faro e Aljezur –, foram protagonistas na produção arquitetónica de índole moderna no Algarve.

O edificado erudito do período moderno apresenta uma elevada importância, já que em muito contribuiu para a produção arquitetónica atual. Devendo esse legado histórico ainda relativamente recente ser preservado, apresentando interesse não só para esta geração, mas principalmente para as vindouras.

Certamente, ao longo do período em que a arquitetura moderna existiu – e ainda existe nos seus testemunhos edificados – uma dimensão coletiva, expressa no desenvolvimento de uma estética partilhada com uma ambição de representatividade que excedeu, e sempre excederá, a criatividade, e é nesta mesma dimensão que reside, em grande parte, o seu reconhecimento como património.¹

Como exemplo de algumas produções de arquitetos desta época pode referir-se: o Edifício Seguro em Loulé (1953) de Manuel Laginha, a Igreja Matriz de Sta. Luzia em Tavira (1957) de Manuel Gomes da Costa, o Centro de Assistência Social Lucinda Anino dos Santos em Lagos (1959) de António Vicente de Castro.

¹ TORRENT, Horacio. *Perspetivas críticas sobre a intervenção no património arquitetónico. Arça (Revisitações Modernas)*, Nº 113. Lisboa, 2014: p.33.

Este estudo funda-se na necessidade de por em prática a reabilitação de edifícios industriais do Movimento Moderno em geral, no Algarve em particular.

É cada vez mais visível, a necessidade de uma reflexão sobre qual a melhor solução para este tipo de edifícios, muitos deles já sem qualquer utilidade e/ou em estado crítico de degradação.

O património industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o património industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitetura, do seu design ou da sua conceção.²

Levantam-se, então, questões, como:

O que fazer?

Será possível/preferível manter um determinado edifício adaptando-o a novos usos e necessidades?

Como deverá ou poderá a memória coletiva ser mantida através do edificado?

Será benéfica a manutenção de edificado com estas características?

A partir da década de 1970, com o aparecimento de associações como o Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial (TICCIH), quer o património quer a arqueologia industrial recebem um estatuto de maior relevância.

A organização DOCOMOMO Internacional que tem, desde 1993, sede em Barcelona, foca-se nas questões relacionadas com o Património Arquitetónico na Península Ibérica pertencentes ao Movimento Moderno, respondendo e integrando os testemunhos industriais nas leis do Património Cultural e Urbano.

A classificação de “industrial” é, ainda, recente, quando comparada às restantes vertentes do património, numa altura em que este conceito parece fazer todo o sentido na sociedade em que vivemos, onde, de alguma forma, a convivência com estas estruturas é inevitável.

A adaptação coerente, assim como a reutilização, podem constituir formas apropriadas e económicas de assegurar a sobrevivência de edifícios industriais, e devem ser encorajadas mediante controles legais apropriados, conselhos técnicos, subvenções e incentivos fiscais.³

² The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Nizhny Tagil, 17 de Julho de 2003.

³ Ibidem.

No panorama de crise que atravessamos, a reabilitação surge cada vez mais como uma oportunidade profissional principalmente nos centros urbanos e suas periferias, onde proliferam construções atiradas para o esquecimento – um legado arquitetónico e patrimonial adormecido à espera de uma nova oportunidade.

Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos.⁴

⁴ Ibidem.

2. Património Arquitetónico Industrial

2. Património Arquitetónico Industrial

2.1 Conceito de Património Industrial

Para melhor compreender o conceito de património industrial é necessário uma abordagem às suas origens.

Antes da década de 1950, a proteção de bens patrimoniais apenas abrangia edifícios cujos valores culturais e artísticos eram mais elevados. Após a Revolução Industrial e no pós-Guerra, as fábricas não conseguem atender às necessidades e consequentemente, são abandonadas. Começa-se, então, a questionar qual o destino para os edifícios que, à data, não eram considerados dignos de preservar. Apenas no início da década de 1950 se começa a desenvolver o conceito de património industrial na Europa.⁵

Podemos afirmar que uma noção de salvaguarda do património industrial surge em 1964, na Carta de Veneza, onde se aborda o monumento histórico de uma nova perspetiva:

A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que são o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não somente às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.⁶

Assim, o que era entendido como objeto a proteger, ganha uma nova dimensão, deixando de ser unicamente a idade da ruína, mas também a importância que determinado edifício teve local ou globalmente. Mais recentemente, são criadas convenções e instituições que se dedicam e empenham na defesa do património industrial.

Em 2003 o Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial, elabora a Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial onde se pode ler:

O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.⁷

⁵ About the Industrial Heritage Cluster. Consultado em 14/08/2014.
<http://www.ck.tp.edu.tw/~ck1020978/intro/>

⁶ GAZZOLA, Piero; et al. Carta de Veneza, sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. Veneza, 1964.

⁷ The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Nizhny Tagil, 17 de Julho de 2003.

Estas ideias tiveram eco em Portugal.



<http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/biografias?registo=Sousa%20Viterbo>

Francisco Marques de Sousa Viterbo (1845-1910) poeta, arqueólogo, historiador e jornalista português.

“Existe arqueologia da arte, porque não há-de haver arqueologia da indústria?”

“Antes que tudo se perca irremediavelmente, salvemos pela descrição e pela estampa o que ainda resta, dilacerado e partido, dos antigos documentos da laboriosidade portuguesa.”

VITERBO, Francisco Sousa. Arqueologia Industrial Portuguesa: os moinhos, O Arqueólogo Português, vol. II, nº 8 e 9. 1896.

Francisco Marques de Sousa Viterbo, arqueólogo entre outras atividades, publica *Arqueologia Industrial Portuguesa: os moinhos*, em 1896, onde levanta algumas questões relacionadas com a proteção de edifícios industriais, nomeadamente a sua defesa no estudo dos moinhos, os quais se encontravam ameaçados pelo surgimento das moagens a vapor.⁸

No entanto esta preocupação de Sousa Viterbo não foi ouvido, pelo que, até meados do século XX, o património industrial pouca atenção despertou.

Apenas com a necessidade de intervir em indústrias afetadas, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, é que se começaram a criar bases para o que viria a ser o movimento que iria fundamentar e regular as diretrizes relacionadas com a preservação do legado industrial.

Em 2010, na sequência de uma medida do Programa Simplex 2008 no domínio da cidadania, o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR) em parceria com o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), formulam três guias de inventários temáticos, sendo o terceiro volume é dedicado ao património industrial. No mesmo, figura talvez a definição mais atualizada deste termo:

Integra tanto os testemunhos materiais como imateriais das atividades técnicas e industriais com maior incidência para o período da industrialização ligada ao desenvolvimento da economia capitalista: fábricas, lojas, armazéns, habitações, escolas, creches ou cinemas, máquinas, sistemas de energia, etc., e o próprio urbanismo, para além das novas formas de vida ou das relações de trabalho produzidas pelo desenvolvimento da indústria.⁹

⁸ SILVA, Vasco. *Revolução (Des) Industrial, museificar, reutilizar, converter*: Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado.

⁹ IHRU, IGESPAR 2010. KIT03 (versão 1.1), documento definitivo. Novembro 2010.

2.2 Património industrial do Movimento Moderno

2.2.1 Na Europa



<http://designhistoryresearch.wordpress.com/category/peter-behrens/>

Peter Behrens (1868–1940) procurava solucionar o fatalismo arquitetónico existente nas unidades fabris alemãs. A inexistência de empenho no pensamento destes espaços resultou em casos recorrentes de desadequação arquitetónica, descritos pelo crítico e historiador de arte Adolf Behne (1885-1948): “As fábricas aqui, como em qualquer parte, erguiam-se da forma mais tosca e barata, com o maior desdém. Não se esbanjava nelas qualquer intenção configuradora, e se ocasionalmente se colocava alguma pequena torre gótica ou um frontão renascentista, conseguia-se somente falsificar o resultado. A fábrica de pátios sombrios, passadiços estreitos e vidraças cegas, espaços baixos e escuros, mais parecida com uma prisão do que com um lugar de trabalho produtivo [...]”

SILVA, Vasco. *Revolução (Des) Industrial, museificar, reutilizar, converter*: Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado. em BEHNE, Adolf. *The Modern Functional Building*: The Getty Research Institute Publication Programs. IISA 1996. P 121.

Até ao final do século XVII, a principal figura produtiva era o artesão que exercia a parte criativa, podendo a componente prática estar associada a um pequeno núcleo de aprendizes. Esta ocorria na maioria das vezes num pequeno espaço (oficina), geralmente inserido na habitação, adquirindo uma identidade própria.¹⁰

Durante o século XVIII, com a necessidade de um aumento de produção, surge um novo modelo que tende a substituir o anterior – as manufaturas, caracterizadas pela criação de espaços próprios para uma determinada função, um aumento no efetivo laboral, especialização do sistema produtivo onde se estabelecem as bases para a produção em série.

Contudo esta evolução nas políticas produtivas não se reflete de igual modo na arquitetura.

A fábrica, caracterizada pela sua adequação a uma determinada função, e daí advindo a sua forma, era considerada arquitetura pobre. Normalmente o espaço era distribuído de acordo com o estatuto do trabalhador, não existindo uma tipologia, forma ou tradição de um espaço industrial pensado de antemão.

Foi com a incorporação da máquina a vapor nas linhas de produção que surge uma significativa mudança na arquitetura industrial. A necessidade de um reforço estrutural, aumentando a capacidade de carga, de maiores áreas de trabalho e maiores vãos encontra resposta através da arquitetura com o recurso a novos materiais, como o ferro, vidro e betão.

Peter Behrens mostra a sua posição em relação à produção arquitetónica industrial, seguindo o modelo implementado na América por Albert Kahn (1869-1942), em parte oposto ao defendido por Le Corbusier (1887-1965).

¹⁰ SILVA, Vasco. *Revolução (Des) Industrial, museificar, reutilizar, converter*: Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado.

Para Behrens:

A organização das necessidades da produção dita o ordenamento dos espaços. O controlo geral, a facilidade e manobrabilidade nas deslocações e transfega dos produtos fabricados, a livre mobilidade dos utensílios, das máquinas e dos veículos exigem naves amplas, francas e diáfanas. Convém que os lugares de trabalho sejam luminosos e o espaço disponível tão grande quanto possível. ¹¹

Este modelo propunha um espaço totalmente operativo com a imagem diretamente ligada à da máquina. A estética é, assim, relegada para segundo plano em detrimento da máxima produtividade. Behrens desenvolve também a colocação e afirmação dos acessos verticais na fachada do edifício, libertando o espaço interior. ¹²

Peter Behrens tem como expoente da sua criação arquitetónica industrial, a fábrica de turbinas da AEG em Berlim de 1910, onde Le Corbusier (1887-1965), seu aluno ou Walter Gropius (1883-1969) se apoiam para a formulação dos princípios fundamentais do Movimento Moderno.



Peter Behrens, fábrica de turbinas da AEG, Berlim, 1910
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Behrens]

¹¹ BEHRENS, Peter citado em: BRAÑA, Celestino Garcia. *Indústria e arquitectura moderna em Espanha, 1925-1965, A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.39.

¹² BRAÑA, Celestino Garcia. *Indústria e arquitectura moderna em Espanha, 1925-1965, A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.39.

A propósito da fabrica de turbinas da AEG, Behrens afirma:

[...] na construção de fábricas se deve contar com a abertura de grandes janelões – porque a luz é condição necessária para um bom trabalho – estes devem ter um papel preponderante, dominar a superfície do corpo edificado e ajudar a suportar o efeito fabril: como tal, não devem apresentar-se como grandes buracos no muro, mas sim situar-se no mesmo plano que a face exterior, dando assim à parede do edifício um aspeto mais grato.¹³

¹³ Ibidem.



<http://historiaearquitetura.blogspot.pt/2011/06/fabrica-fagus-e-incluida-na-lista-de.html>

Considerado um dos principais nomes da Arquitetura do século XX. Em 1910 monta o seu próprio escritório. Influenciado por Behrens surge o seu primeiro grande projeto, para a Fábrica Fagus, onde já apresentava elementos que viriam a caracterizar a sua obra: estrutura metálica e vidro. A convite de entidades oficiais da cidade de Weimar, abriu a escola Bauhaus em 1919. Segundo Gropius o projeto de deveria ser estudado tendo em vista a funcionalidade do objeto, as suas necessidades, e levando em consideração todas as técnicas modernas. Defendia que o projeto deveria envolver todas as escalas humanas, negava as características históricas na arquitetura e nas artes.

Walter Gropius. em Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Consultado em 23-08-2014. [http://www.infopedia.pt/\\$walter-gropius](http://www.infopedia.pt/$walter-gropius).

A propósito da sua ligação com Peter Behrens e em relação a este novo panorama arquitetónico a que se assiste afirma.

Em 1908 quando terminei os meus estudos e comecei a trabalhar como arquiteto com Peter Berhens, os conceitos que prevaleciam na arquitetura e no seu ensino obedeciam ainda ao estilo académico das “ordens” clássicas. Berhens foi o primeiro que me mostrou uma abordagem aos problemas arquitetónicos de um modo lógico e sistemático. Durante a minha colaboração ativa nos importantes projetos de que estava encarregue e nas frequentes discussões que tive com ele e com outros membros da Deutscher Werkbund, comecei a cristalizar as minhas próprias ideias sobre o que deveria ser a verdadeira natureza de um edifício. Estava obcecado pela convicção de que a técnica construtiva moderna devia expressar-se na arquitetura e, nessa expressão, exigiria formas novas.¹⁴

Walter Gropius em 1911 é encarregue da melhoria da imagem da fábrica Fagus, de produção de formas de sapatos, então em construção, em Alfeld-an-der-Leine, Alemanha e, dois anos mais tarde, do projeto de expansão da fábrica com a construção de um novo edifício destinado aos escritórios e armazéns.

Na composição nota-se a presença da linguagem da Fábrica de Turbinas da AEG a uma estética arquitetónica mais aberta, invertendo a sua composição.

Gropius mantém a ideia de separação entre a pele de vidro e a estrutura portante, mas na fábrica Fagus são os elementos verticais da estrutura, revestidos a tijolo,

¹⁴ GROPIUS, Walter; *The New Architecture and the Bauhaus*, 1935. em STRIKE, James; *De la construcción a los proyectos: la influencia de las nuevas técnicas en el diseño arquitectónico 1700-2000*; Editorial Reverté; Barcelona; 2004.

que recuam, trazendo para primeiro plano a fachada envidraçada, que dá a ideia de estar suspensa da platibanda, provocando uma sensação de desmaterialização da estrutura.¹⁵

Uma outra inovação da fábrica Fagus é a sua cobertura plana (possivelmente um reflexo da influência dos edifícios industriais americanos, de que era admirador), que ajuda à leitura do edifício como um prisma geométrico puro.¹⁶



Walter Gropius, Fábrica Fagus, Alfeld-an-der-Leine, Alemanha, 1911-1925.

[http://www.signind.com/WordPress/wp-content/uploads/2012/09/cropped-Fagus_Gropius_Hauptgebaeude_200705_wiki_front-3.jpg]

¹⁵ FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*, Martins Fontes. São Paulo, 2003.

¹⁶ *Ibidem*.



<http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysName=redirect48&sysLanguage=fr&IrisObjectId=7879&sysParentId=48>

Le Corbusier (1887–1965), defende “um genérico engenheiro Factotum”, a relação entre a técnica e arquitetura, exposta num texto do arquiteto e crítico Ignasi de Solà Morales: “Antes e agora, a arquitetura é mediadora entre as técnicas, as imagens, o panorama que a cultura de cada momento oferece e o que Le Corbusier designará pela ordem do universo. Trata-se de uma palavra mais genérica, mais além da determinação técnica ou prática de cada obra. É uma mediação entre o meio técnico, ao qual os olhos do arquitecto devem estar bem abertos e a finalidade estética que constitui o último objectivo da obra arquitectónica. A mediação da arquitectura não se joga, em última instância, no nível prático, produtivo, particular dos objectos, mas sim no discurso, expressão ou mensagem que desde estes se pode estabelecer, como manifestação do tempo presente”.

Solà Morales citado em: BRANA, Celestino Garcia; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana. A Arquitectura da indústria, 1925-1965. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.41.

É aqui já evidente, o que viria a ser um dos pontos da Arquitetura Moderna definidos por Le Corbusier.

A arquitetura industrial era encarada e tratada de forma multidisciplinar, conforme vem explicito no manifesto do movimento De Stijl de 1923:

[...] testámos a arquitetura como a unidade plástica das artes, da indústria e da técnica e estabelecemos que esta formação conduzirá à formação de um estilo.¹⁷

Contributo, preponderante na mudança do pensamento arquitetónico, este da introdução da noção de um estilo. Seguindo ditos icónicos como os de Louis Sullivan (1856-1924) “a forma segue sempre a função” e Viollet-le-Duc (1814-1879) “a verdade estrutural”, pode-se, então, afirmar que a criação de um pensamento e de um estilo industrial, respondendo às necessidades da técnica, vem, de certo modo, fundar aqueles que seriam os princípios da Arquitetura Moderna.¹⁸

Gradualmente, foram sendo introduzidos cânones socioculturais, onde era defendida uma nova linguagem adequada à época. Explicitando uma relação entre a arte e a técnica – uma ligação entre a arquitetura e a engenharia.

Le Corbusier retoma as teorias de cidade industrial de Tony Garnier (1869-1948), introduzindo o que para si deveria ser o modelo industrial. Para Le Corbusier ocupar o espaço não é suficiente: é necessário ter possibilidades de o usufruir, para que ele desperte sentimentos e emoções de alegria e bem-estar, e se torne rico de imagens e de significados.

No entanto, o seu modelo acaba por não prevalecer, opostamente ao defendido por Behrens e pelo modelo americano, que é adotado um pouco por toda a Europa.¹⁹

¹⁷ De Stijl manifesto V, citado em: TOSTÕES, Ana. Em direção a uma estética industrial: zeitwill ou vontade de modernidade, *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.62.

¹⁸ TOSTÕES, Ana. Em direção a uma estética industrial: zeitwill ou vontade de modernidade, *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005

¹⁹ BRANA, Celestino Garcia. Indústria e arquitectura moderna em Espanha, 1925-1965, *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.41.

2.1.2 Em Portugal

Portugal segue o modelo evolutivo tipológico europeu, não obrigatoriamente no mesmo período temporal. Pode-se dizer que apenas surge uma arquitetura industrial dita erudita após a implementação das políticas das obras públicas do Estado Novo, durante a década de 1930.

Até lá este tipo de edifício era normalmente entregue ou associado a engenheiros, onde se mimetizava a imagem dos que existiam na Europa. A arquitetura destes espaços era, assim, desprovida de conceito e desenho: o que realmente importava era a sua adequação aos equipamentos que iria albergar.

Nessa altura, uma arquitetura industrial projetada e protagonizada por arquitetos era inexistente. Nem o sentido que tomara desde o seu aparecimento, ao longo do século XIX, a exímia de uma reprodução dos modelos estrangeiros, assinados por grandes engenheiros. Em última instância, era uma "arquitetura" de engenheiros, na dupla aceção de construção civil e de correlativo equipamento técnico, envolvendo ou não a relação entre os edifícios e as máquinas motoras, as máquinas operadoras e/ou máquinas-ferramentas e o jogo das transmissões mecânicas que definiam o conceito de fábrica como organismo autómato.²⁰

É durante este período que assistimos a um modernismo efémero, onde arquitetos e engenheiros portugueses se vão aliar na procura de uma nova imagem para os edifícios industriais.

Embora nesta altura, na Europa, já se assistisse a uma massificação do uso do betão armado com uso estrutural, aqui é ainda empregue apenas numa tentativa de geometrização do estilo Art Déco, ambicionando uma limpeza formal.²¹ Estavam, no entanto, criadas as condições para a implementação do Movimento Moderno: em Portugal era apenas entendido como mais um estilo disponível, pelo que não foi, de imediato, tido em relevante consideração.

Foi nesta altura que os arquitetos nacionais começaram a experimentação no que respeita à arquitetura industrial, motivados pela emergente encomenda pública deste tipo de equipamento. Amplamente suportada pela ambição de Oliveira Salazar (1889-1970) em impulsionar economicamente o país, e pelo, então, ministro das obras públicas Duarte Pacheco (1899-1943). A procura de uma nova linguagem baseada na procura de soluções inovadoras parece querer aproximar-se do crescente Moderno.

Em 1940 com as celebrações associadas à Exposição do Mundo Português, que as pretensas ideológicas do regime Salazarista se vão refletir na arquitetura, tornando-a refém de um estilo historicista comparável a modelos ditatoriais europeus: como o alemão e o italiano.²²

²⁰ CUSTÓDIO, Jorge. A indústria portuguesa do Movimento Moderno (1925-1965), *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.31.

²¹ Ibidem, p.16.

²² Ibidem, p.16-17.

Contudo, os edifícios a nível estrutural e construtivo apresentam sistemas de certa forma inovadores, ficando apenas a imagem marcada pela inclusão de ornamentação representativa de temas nacionalistas e historicistas, conjugando-se no seu conjunto em edifícios monumentais de carácter austero.

Assiste-se ao decorrer da segunda Guerra Mundial (1935-1945), onde Portugal, estrategicamente, defende uma neutralidade no conflito, pelo que o Estado Novo não se revia nas políticas europeias, dando primazia à vocação ultramarina, aproveitando para investir no país, nomeadamente a nível industrial e na rede elétrica nacional.

Contudo uma mudança do panorama cultural surge em 1946, com a organização das Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAP), tendo como principais objetivos a divulgação dos princípios da arquitetura do Movimento Moderno, renunciando ao estilo arquitetónico pretendido pelo Estado.²³

Este movimento foi desencadeado por dois grupos de jovens arquitetos, em Lisboa apelidado de Iniciativas Culturais de Arte e Técnica (ICAT) e na cidade do Porto a Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM), formadas em 1946 e 1947, respetivamente.²⁴

Lisboa teve como principal elemento ativo, o arquiteto Keil do Amaral (1910-1975), numa postura mais cívica e amena, relativamente à escola do Porto, onde a defesa à ideologia moderna era mais vincada.²⁵

Foi aqui que nomes como os dos arquitetos Viana de Lima (1913-1991) e Fernando Távora (1923-2005), bem como o António Vicente de Castro (autor do projeto da Adega Cooperativa de Portimão, tema da presente dissertação), entre outros receberam a influência do principal defensor dos ideais modernos – o mestre Carlos Ramos (1922-2012).

Assim, foi marcado o surgimento do pensamento moderno entre a nova geração de arquitetos portugueses, que, com base nas premissas de Le Corbusier, entre outros, desenvolveram uma produção arquitetónica erudita vanguardista.

Os anos sessenta marcam o início da ruptura e de uma crescente “modernização” apoiada numa matriz industrial: o território transforma-se com os grandes empreendimentos e a escala de intervenção altera-se. O “moderno” pela via imagética do Estilo Internacional tende a banalizar-se.²⁶

Período de grandes transformações, marcado por um grande crescimento urbano, principalmente no litoral do país e na zona periférica de Lisboa. O Estilo Internacional recebe maior aceitação, tornando-se o modelo para as obras mais prestigiadas.

²³ COSTA, Tiago. *Património industrial português da época do movimento moderno: das experiências modernistas às novas necessidades contemporâneas*. Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado, p.153.

²⁴ Idem, p.59.

²⁵ Ibidem.

²⁶ TOSTÕES, Ana. Em direção a uma estética industrial: zeitwill ou vontade de modernidade, *A arquitetura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.70.

Em Portugal, no que respeita à arquitetura moderna, surgem duas posições, ambas com forte vontade de intervenção social e oposição ao Estado Novo. Por um lado, arquitetos como Keil do Amaral e Arménio Losa (1908-1988), fervorosos defensores dos ideais modernos, nomeadamente, a Carta de Atenas. Por outro, uma geração mais recente onde surgem nomes como o de Siza Vieira (n.1933) e Nuno Portas (n.1934) que primam por uma postura mais aberta à discussão e crítica do Movimento Moderno.²⁷

Apesar das mudanças de paradigma, a política de crescimento industrial que se vinha a fazer notar, vai continuar.

Assiste-se ao nascimento do pós-modernismo, marcado por uma individualização do pensamento arquitetónico onde a diversidade de referências e posições, se impõem a uma linha de pensamento ou estilo específico.

Começa assim um período em que a arquitetura erudita começa a ser valorizada. A relação entre a arquitetura e o espaço público e sobre a paisagem assumem maior protagonismo.

Com o virar dos anos 70 a questão da valorização das linguagens contribuirá igualmente para a falência do projeto moderno. E é mais uma vez no quadro da produção erudita, da pesquisa de autor, que se define a nova situação.²⁸

A chegada da década de 1970 é marcada pelo fim do Movimento Moderno e pela crise petrolífera de 1973 que originou uma mudança no mundo da indústria. Alterações no panorama político-social, na sequência da revolução de 1974 e nas implicações que a mesma acarretou, veio contribuir para o abandono de muitas das unidades fabris.

Inicia-se o processo de desindustrialização.

De seguida mostra-se alguns exemplos de edifícios proeminentes deste período em Portugal.

²⁷ COSTA, Tiago. *Património industrial português da época do movimento moderno: das experiências modernistas às novas necessidades contemporâneas*. Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado, p.73.

²⁸ TOSTÕES, Ana. *Arquitetura Moderna Portuguesa: os Três Modos, Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, cop., 2004 p.154.

Fábrica Napolitana

Da autoria da firma de engenharia francesa Vieillard & Touzet, situada em Lisboa a Fábrica Napolitana destinava-se à moagem de produtos alimentares e manteve-se em produção até 1970.



Vieillard & Touzet, fabrica Napolitana, lisboa, 1908

[<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/antiga-unidade-industrial-a-napolitana>]

O conjunto original, bem como as ampliações efetuadas a partir de 1912 apresentam uma linguagem característica dos edifícios industriais desta época na Europa. A dupla de engenheiros (Vieillard & Touzet) cria um edifício que valoriza os elementos estruturais, os vãos e a articulação dos elementos construtivos na modulação da fachada, em tons de cinza e branco. Encimado por frontões, os seus vãos são emoldurados, cada um dos blocos que constituem o conjunto apresenta uma volumetria própria, aspeto diretamente ligado à função ou equipamento que o mesmo encerra.²⁹

²⁹ FOLGADO, Deolinda. Séc. XX – A Napolitana. Departamento de Estudos, janeiro 2004. Consultado em 11/7/2014. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/10/>.

Hangar Geodésico do Balão

O complexo OGMA, que se apresenta como um dos primeiros equipamentos industriais na sua génese inovador, revela uma ligação aos novos materiais que se reflete na sua aparência e estrutura, na busca de uma linguagem moderna.



Aeroplaning GmbH, complexo OGMA, Alverca, 1918

[<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/328130/>]

As Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA) em Alverca, construídas em 1926, apresentam, um hangar, para a época muito incomum, o Hangar Geodésico do Balão que serve para a montagem e reparação de aeronaves.³⁰

É constituído por uma nave abobadada, suportada por uma estrutura em madeira em forma de colmeia. A fachada revela uma estrutura porticada saliente do edifício, definindo a entrada do mesmo, através de dois grandes painéis deslizantes.³¹

Também aqui a função acaba por ter ligação à forma, e para a época, o nível de complexidade estrutural é notável.

³⁰ FIGUEIREDO, Rute. OGMA, Indústria Aeronáutica de Portugal, A arquitectura da indústria, 1925-1965. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.239.

³¹ Ibidem.

Entrepasto Frigorífico do Peixe

Localizado no Porto, da autoria de Januário Godinho (1910-1990) e do engenheiro Correia Araújo (1894-1978), apresenta diversas influencias estilísticas que vão do expressionismo holandês ao neoplasticismo.



Januário Godinho, Entrepasto Frigorífico do Peixe, Porto, 1934-39
[http://portoarc.blogspot.pt/2014/02/viveres-que-anualmente-se-gastam-na_28.html]

Foi projetado durante a ascensão de Oliveira Salazar, escapando contudo às imposições à arquitetura que ocorreram durante o Estado Novo.

O edifício sofreu algumas alterações, resultantes das exigências formais, funcionais, sanitárias e hierárquicas, alterando a sua imagem em consequência das necessidades da época.³²

É composto por dois blocos com funções distintas, a zona administrativa que se desenvolve em gaveto e adossado ao mesmo uma estrutura porticada de betão armado onde se encontram os armazéns do peixe, ligando-se entre si pelo pano de fachada. Apresenta a inclusão de baixos-relevos de forma subtil, onde a grande preocupação se centrou na sua funcionalidade associada ao sistema estrutural.³³

³² TOSTÕES, Ana. Lota de Massarelos, *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.241.

³³ Ibidem.

Standard Elétrica

Projetado por Cottinelli Telmo (1897-1948), situa-se junto à Avenida da Índia em Lisboa, e apresenta-se constituído por dois blocos - um de quatro pisos e outro com dois pisos. Na relação entre estes dois volumes nasce um pátio, quebrando a irregularidade do terreno na parte posterior do lote.



Cottinelli Telmo, Standard Elétrica, Lisboa, 1945

[<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74414/>]

O edifício surge como um dos conjuntos industriais modernos mais emblemáticos de Lisboa. Apresenta no seu interior uma planta livre, conferindo ao espaço uma grande amplitude. Os seus alçados são marcados pela modularidade estrutural, pela conjugação de pilares, lajes e vigas de betão armado, desta ligação resultam vãos de dimensão considerável, o que confere ao espaço interior uma iluminação natural em pleno.³⁴

Atualmente o conjunto já não serve a sua função original, tendo sido alvo de uma intervenção, albergando agora, a sede da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

³⁴ COSTA, Sandra Vaz. Standard Eletrica, *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.242.

Fábrica da DIALAP



Carlos Manuel Ramos e António Teixeira Guerra, edifício fabril e administrativo da Dialap/Diamang, Lisboa, 1960-66

[http://www.cm-lisboa.pt/uploads/pics/tt_address/lxi-10072-01.jpg]

Em 1966 é concluída a fábrica da DIALAP em Lisboa, da autoria dos arquitetos Carlos Ramos e António Teixeira Guerra (1924-1968). Edifício destinado à indústria lapidar (diamantes) é composto por dois blocos de diferentes escalas: o bloco principal - paralelepípedo (de maior escala) - é tripartido, com a presença de elementos assumidamente modernos: pilotis, grandes panos envidraçados e cobertura-terraço.³⁵

Na fachada verifica-se a separação interior das instalações fabris e administrativas, conseguida através dos materiais e acabamentos utilizados. O edifício de menor escala destina-se à zona de restauração do complexo industrial, caracterizado pela sua forma modular quadriculada, com a presença de ornamentos piramidais na cobertura. Atualmente o edifício é a sede da Radiotelevisão Portuguesa.³⁶

³⁵ FOLGADO, Deolinda. *Dialap, A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.261.

³⁶ *Ibidem*.

3. Estudio de casos

3. Estudo de Casos

Apresentam-se agora alguns edifícios que, de algum modo, apresentam pontos comuns com a intervenção na Adegas Cooperativas de Portimão.

Selecionaram-se os edifícios:

A Faculdade de Arquitetura de Évora, a Oliva Creative Factory e o centro avançado de Formação Pós-Graduada em Guimarães, que partem do mesmo princípio adotado: a requalificação de um edifício industrial.

Apresenta-se também a Escola Superior de Tecnologia do Barreiro, que embora seja uma construção de raiz, apresenta, assim como os anteriormente referidos, semelhanças a nível programático com o da presente dissertação.

Faculdade de Arquitetura de Évora



Inês Lobo e Ventura Trindade, Faculdade de Arquitetura de Évora, Évora, 2006-2010
[<http://arquiteturaportuguesa.blogspot.pt/2013/01/complexo-artes-arquitetura-universidade-evora.html>]

A Fábrica dos Leões (1916), antiga unidade fabril dedicada à moagem de cereal em Évora, foi uma das mais significantes do Alentejo até à sua desativação em 1993. Alguns anos mais tarde, em 1998 foi adquirida pela Universidade de Évora, que lança um concurso público com a intenção de requalificar este espaço para seu usufruto.³⁷

O principal objetivo da Universidade era a criação de um espaço que pudesse albergar o Departamento de Artes Visuais e Arquitetura, e ainda uma residência para estudantes.

³⁷ LOBO, Inês. Art and Architecture Faculty. Consultado em 07/10/2013.
http://www.ilobo.pt/ines_lobo_arquitectos_ida/01037_Art_and_Architecture_Faculty.html



[<http://arquiteturaportuguesa.blogspot.pt/2013/01/complexo-artes-arquitetura-universidade-evora.html>]

Após o lançamento do concurso público e análise das propostas, saiu vencedor o projeto, da co-autoria dos ateliers Inês Lobo e Ventura Trindade, que procurava manter o edificado que reunisse condições de reaproveitamento e propunha uma edificação de raiz onde se verificavam casos de total colapso estrutural ou impossibilidade de recuperação.

A predileção pelo uso de elementos metálicos no que é construído de raiz, vem, por um lado, manter a intervenção dentro da realidade construtiva industrial e, por outro, permitir uma clara diferenciação entre o novo e o preexistente.

No que respeita à sua ligação, em termos comparativos com o caso prático escolhido (Adega Cooperativa de Portimão), pode-se constatar que, embora o caso de estudo apresentado não se enquadre no mesmo movimento arquitetónico (Movimento Moderno), os mesmos partilham vários aspetos na génese programática e tipológica. Ambos se inserem em casos particulares de edifícios de carácter industrial que por alguma razão se encontram desativados, outrora símbolos de prosperidade local.

A principal característica que ambos partilham afirma-se como programática, em que as pretensões na reabilitação e requalificação do edificado se inclinam na mesma direção.

Oliva Creative Factory



Oliva Creative Factory, São João da Madeira – Aveiro, 2012
[<http://olivacreativefactory.blogspot.pt/2013/09/nucleo-de-arte-da-oliva-abre-19-de.html>]

Antiga Industria de fundição, serralharia e carpintaria mecânica, construída em 1925 na Rua da Fundição e Rua Oliveira Júnior em São João da Madeira. A unidade fabril viria a ver o seu expoente produtivo quando em 1948 é inaugurado o edifício das máquinas de costura, que rivalizou no mercado nacional com uma das principais marcas internacionais, a Singer.³⁸

Na década de 1950 viria a ser construído o bloco de escritórios, da autoria de ARS Arquitetos / AAV. O projeto apresenta um grande bloco horizontal em gaveto, rematado por uma torre com um relógio no seu topo. Caracterizado pelos espaços interiores amplos, generosamente bem iluminados por grandes vãos nas fachadas.³⁹

Em 1960 são adicionados os armazéns das fundições e fabricos gerais por Fernando Campos, definidos por espaços amplos e modulares bem iluminados através da fachada e encimados por troços de cobertura semicircular.⁴⁰

O complexo atingiu os 130.000m² de área num misto de intervenções de diferentes autores. A 19 de Outubro de 2013 após uma reabilitação dos armazéns das fundições e fabricos gerais, é inaugurada a Oliva Creative Factory com o objetivo de promover e formar novos artistas. O edifício renovado comporta Residências, Núcleo e Centro de

³⁸ FOLGADO, Deolinda. *Fábrica OLIVA, A arquitectura da indústria, 1925-1965*. Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 p.251.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Ibidem.

Arte, Escola de Dança, Espaços Expositivos e a Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva.⁴¹



[http://olivacreativefactory.blogspot.pt/2013_04_01_archive.html]

O edifício não está unicamente ligado ao ensino, funcionando também como uma mostra para a produção artística, assumindo-se como um espaço polivalente e dinâmico. Possivelmente um dos modelos mais inovadores a nível nacional, no que diz respeito ao ensino e divulgação artística.



[<http://www.espalhafactos.com/2014/01/23/visita-cultural-por-s-joao-da-madeira/>]

⁴¹ Ibidem.

Centro avançado de Formação Pós-Graduada



Pitágoras Arquitetos (f. 1991), Centro avançado de Formação Pós-Graduada, Guimarães, 2013

[<http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=60&pid=298>]

Trata-se de uma intervenção em vários edifícios, numa antiga zona industrial ligada ao tratamento de couros. O conjunto edificado, no seu todo forma um pátio interno e situa-se, estrategicamente, junto a um ribeiro.

A proposta, destinada a albergar as áreas de mestrados e doutoramentos da Universidade do Minho, apenas incide em parte do núcleo edificado. Edifício construído com recurso a materiais tradicionais (alvenaria de pedra), encontrando-se descaracterizado por múltiplas operações, quer de restauro, ampliação ou de adequação, que recorreram à adição de materiais dispares dos existentes. Relativamente a estas “adições”, foi decidida a sua remoção, mantendo apenas o que seria original. Tentando assim preservar alguma da imagem do local, e criando uma clara linguagem, onde se distingue o que seria o inicialmente construído, com a nova intervenção, mantendo a volumetria original.⁴²

⁴² SÁ, Fernando; et al. Centro Avançado de Formação Pós-Graduada. Consultado em 10/09/2014. <http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=60&pid=298>.



[<http://www.pitagoras.pt/projectos-ver.php?id=90&cat=1&scat=7>]

Com o intuito de melhorar as características do edifício, nomeadamente o conforto, todo o interior foi remodelado, recorrendo a materiais contemporâneos, bem como as zonas exteriores que foram alvo de reconstrução, nestas foi utilizado um sistema de fachada revestido a cobre.⁴³

⁴³ Ibidem.

Escola Superior de Tecnologia do Barreiro



ARX Portugal, Arquitetos Lda., Escola Superior de Tecnologia do Barreiro, Barreiro
2001/03

[<http://www.arx.pt/pt/construido/185-est-barreiro>]

Localizado na periferia da cidade do Barreiro, insere-se numa zona residencial, marcada pela presença de elementos naturais, como uma mata, hortas e canaviais. O edifício, construído de raiz tira partido da topografia, infiltrando-se na mesma na fachada oeste, onde minimiza o seu impacto exterior, uma das condicionantes e receios da população residente.⁴⁴

Esta harmonia é quebrada, no entanto pelo volume a norte que se impõe sobre o terreno, destinado à docência e onde se localiza a entrada do edifício. No restante edifício, pela sua configuração em planta, que se divide em blocos ligados, mas afastados entre si, originando pátios nos interstícios, permitindo a entrada de luz natural para o interior das salas de aula e demais espaços do conjunto.⁴⁵



[<http://www.arx.pt/pt/construido/185-est-barreiro>]

⁴⁴ MATEUS, José; MATEUS, Nuno. Escola Superior de Tecnologia do Barreiro. Consultado em 12/09/2014. <http://www.arx.pt/pt/construido/185-est-barreiro>.

⁴⁵ Ibidem.

1. Reabilitação da Adega Cooperativa de Portimão: Conceito e Desenho

1. Reabilitação da Adega Cooperativa de Portimão: Conceito e Desenho

1.1 Enquadramento

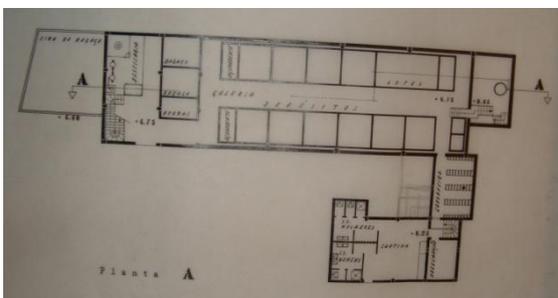
A Adega Cooperativa de Portimão projetada em 1958/59 por António Vicente de Castro, localiza-se numa zona periférica da malha urbana consolidada, mais concretamente na zona norte da cidade (Coca-Maravilhas), principalmente residencial e comercial, junto a uma das principais entrada para a cidade, beneficiando de bons acessos.



[Fotografia: TJ]

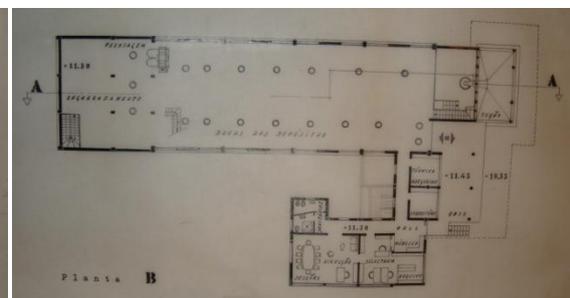
Vista a partir da Avenida Coronel Armando da Silva Macanita

Caracteriza-se por uma linguagem característica da arquitetura moderna; tem dois pisos e constitui-se por dois blocos ligados entre si: o principal e de maior destaque, encimado por uma cobertura em nave de tramos semicirculares, perpendiculares ao lado de maior dimensão, para o armazenamento, produção e processamento de vinho e derivados.



[Fotografias: TJ]

Piso -1



Piso 0

No piso -1 existe uma destilaria e a galeria de depósitos; no piso 0 com duplo pé direito temos: uma zona de prensagem e outra de engarrafamento, bem como o acesso aos depósitos elevados.

O bloco adossado ao principal, de menor volumetria é destinado a áreas de serviço e apoio à adega. No piso -1, uma garrafeira, a cantina, uma arrecadação e instalações sanitárias. No piso 0, o escritório do técnico adegueiro, um laboratório, secretaria, arquivo, sala da direção com zona de reuniões, e instalações sanitárias.

O acesso é feito pela Avenida Coronel Armando da Silva Macanita ao nível do piso 0, onde existe um cais de carga e descarga junto à entrada do edifício.

Como a produção vinícola no Algarve, não apresenta atualmente sinais de crescimento que justifique a recuperação da Adega, desativada em 1997, e dado o estado de conservação em que a mesma se encontra, optou-se por uma requalificação, alterando-lhe o seu uso inicial, tornando-o numa mais-valia urbana.

Ocorre desenvolver uma cultura e afirmar uma ideia que assenta na necessidade da transformação e modificação consciente do património existente, em função da sua reutilização equilibrada e da necessária redefinição constante de um território que responda às exigências do homem.⁴⁶

A proposta passa por transformar o edifício numa escola de artes do ensino superior, mantendo a imagem inicial e memória do edifício o mais intacta possível.

A proposta para se adequar ao novo programa, e indo de encontro às intenções de não interferir no protagonismo do existente, foi feita uma ampliação que se desenvolve através do subsolo.

Esta ampliação permite que o edifício se desenvolva com um impacto exterior mínimo. Ambiciona-se, assim, dinamizar o espaço, permitindo a sua visita, não só à população estudantil, mas também ao público em geral.

Procurando uma harmonia entre o existente e o proposto, transportando para um contexto urbano contemporâneo, um edifício que pelas vicissitudes do tempo, vontade de um povo ou necessidade social, ficou adormecido.

[...] a edifícios esgotados nas suas funções, por vezes arruinados ou muito deteriorados, e também a amplas superfícies de terrenos que perderam a sua razão de ser, abandonados e, quando possível, à espera de novos destinos.⁴⁷

⁴⁶ FERNANDES, Fernanda; CANNATÁ, Michele. Reciclar o existente e requalificar o território, *Territórios Reabilitados*. Edição Caleidoscópio, 2009, p.9.

⁴⁷ GUIMARÃES, Carlos, in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana *A arquitectura da indústria, 1925-1965*, Registo Docomomo Ibérico, Edição Fundação DOCOMOMO IBÉRICO, Lisboa, 2005, p.57e58

1.2 Descrição do projeto: conceito e desenho

Projetou-se o edifício prevendo uma utilização para os cursos de Arquitetura (5 anos), Pintura (4 anos), Design Gráfico (4 anos) e Design de Ambientes (3 anos). Além de salas de aula, que respondem às necessidades de cada curso, criou-se uma biblioteca direcionada para os interesses da população estudantil ali presente: uma sala de conferências/auditório, com capacidade de receber e fornecer workshops, oficinas, espaços expositivos. Está contemplado também um espaço de restauração, instalações sanitárias, espaços de apoio – reprografia, gabinete de informática, e área administrativa – com dois gabinetes, secretaria, salas de professores e sala de reuniões.

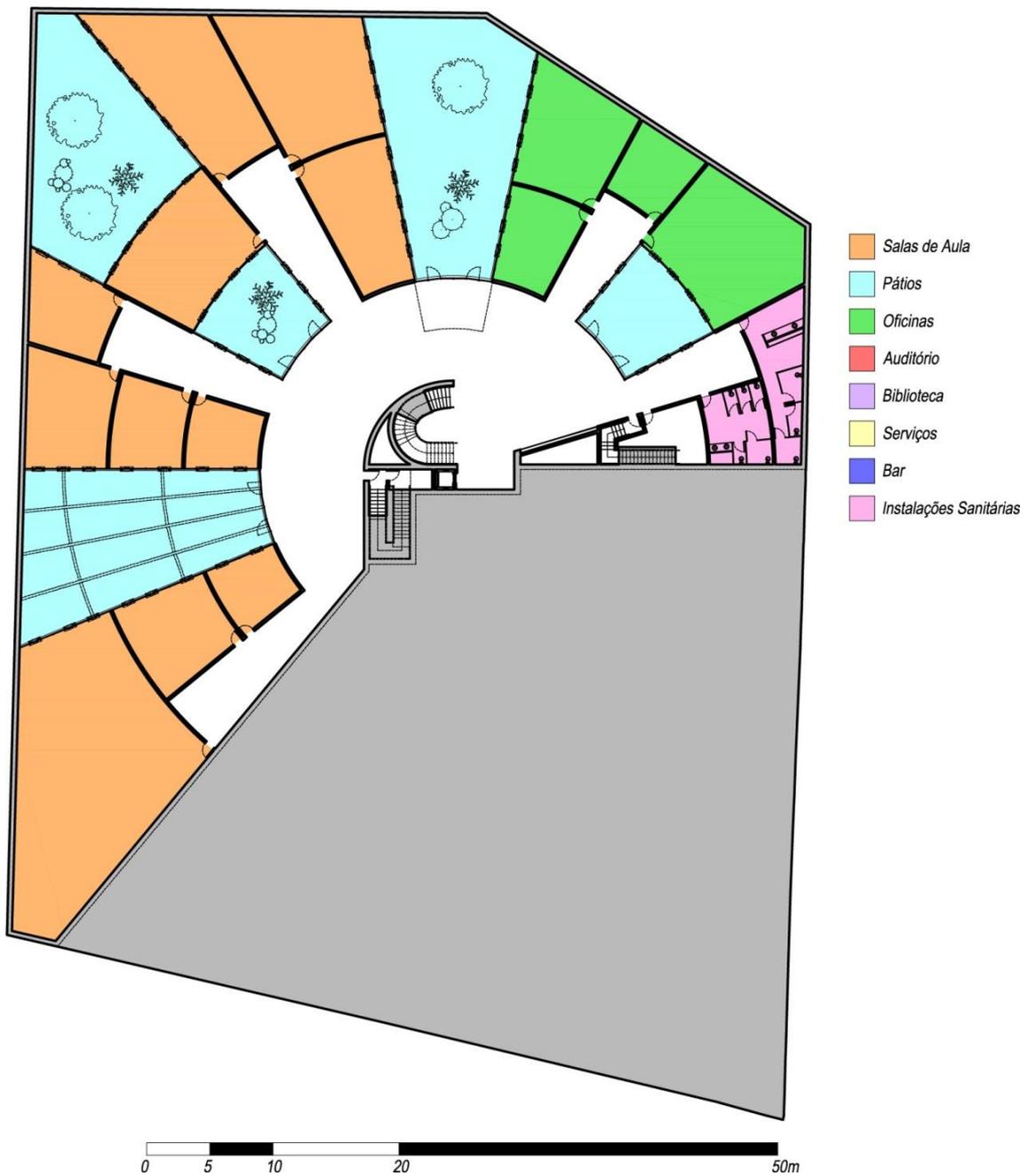
A solução apresentada define-se por uma distribuição espacial (no edifício a construir de raiz), tendo por base uma malha radial, com origem no ponto de acesso principal ao edifício (existente). Pretende, assim, dinamizar o espaço, ao permitir diferentes configurações internas, bem como na sua relação entre o interior e o exterior. A escolha desta solução deve-se à parca existência de referências na malha urbana existente, que se caracteriza principalmente pela marcação de vias, espaços vazios e núcleos comerciais.

Visto pretender-se uma proposta que se diferencie do existente, não entrando, no entanto, em conflito com o mesmo, optou-se por apenas utilizar como referência a zona de acesso como ponto de dispersão, ou convergência do traçado do novo edifício.

Esta solução enquadra-se nas pretensões da proposta, pois permite um desenvolvimento do edificado através do subsolo, minimizando o impacto exterior, e através de uma linguagem distinta permite uma clara diferenciação entre o novo e o “antigo”.

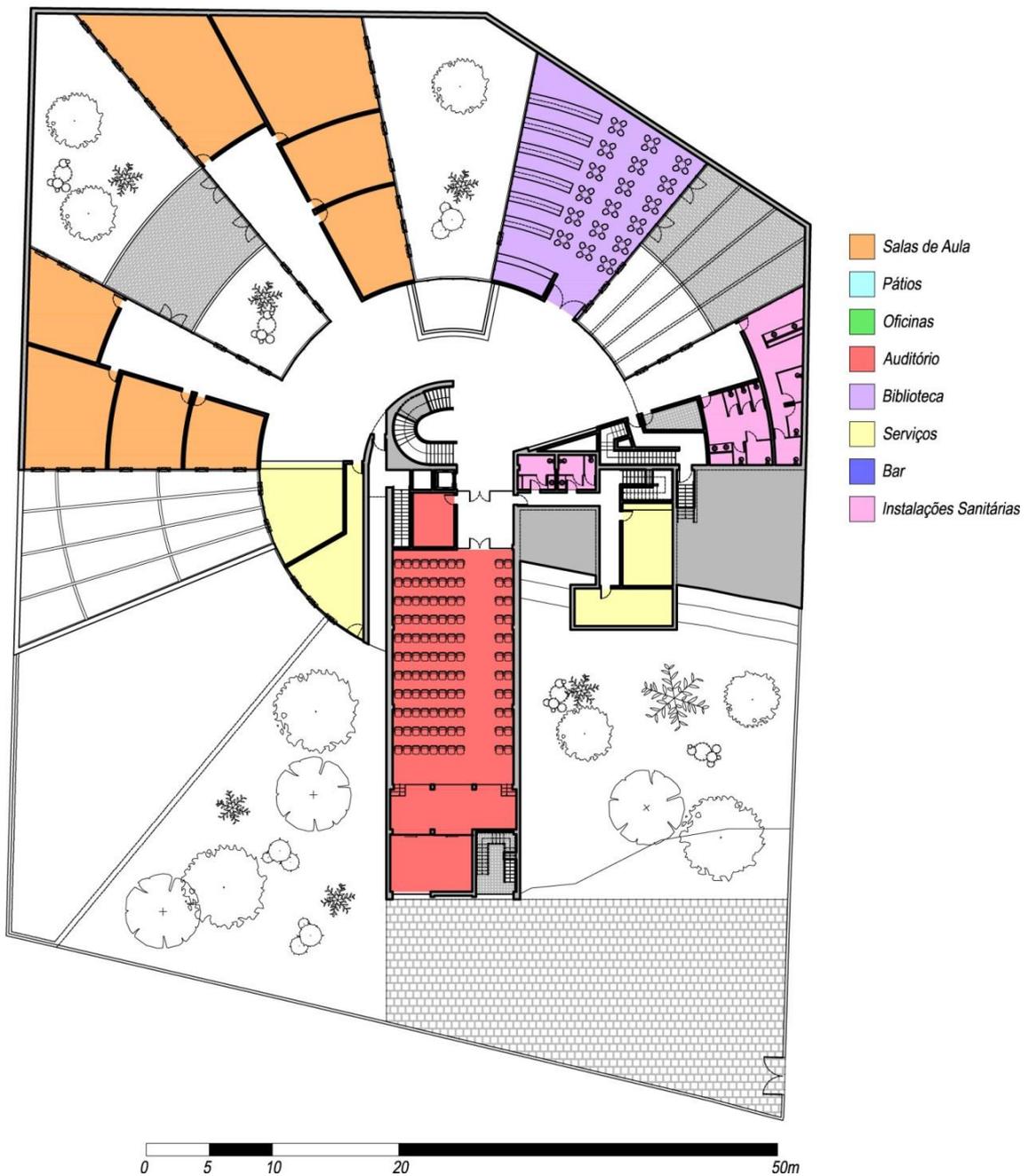
Talvez o aspeto mais marcante da proposta, relativamente ao novo edifício, seja a criação de três pátios de dimensões generosas que se desenvolvem nos pisos inferiores. Estes são essenciais para o pretendido, proporcionando iluminação e ventilação natural para os pisos inferiores, e pela proximidade de equipamentos, tais como a biblioteca, salas de trabalho e atelier de pintura, a criação de espaços de estar, lúdicos e de trabalho no exterior.

Mantendo as intenções programáticas, a nível do edificado existente, temos uma componente mais geral, onde podemos encontrar grande parte dos serviços académicos comuns à população estudantil. Ficando apenas a biblioteca e reprografia inseridas no edifício novo.



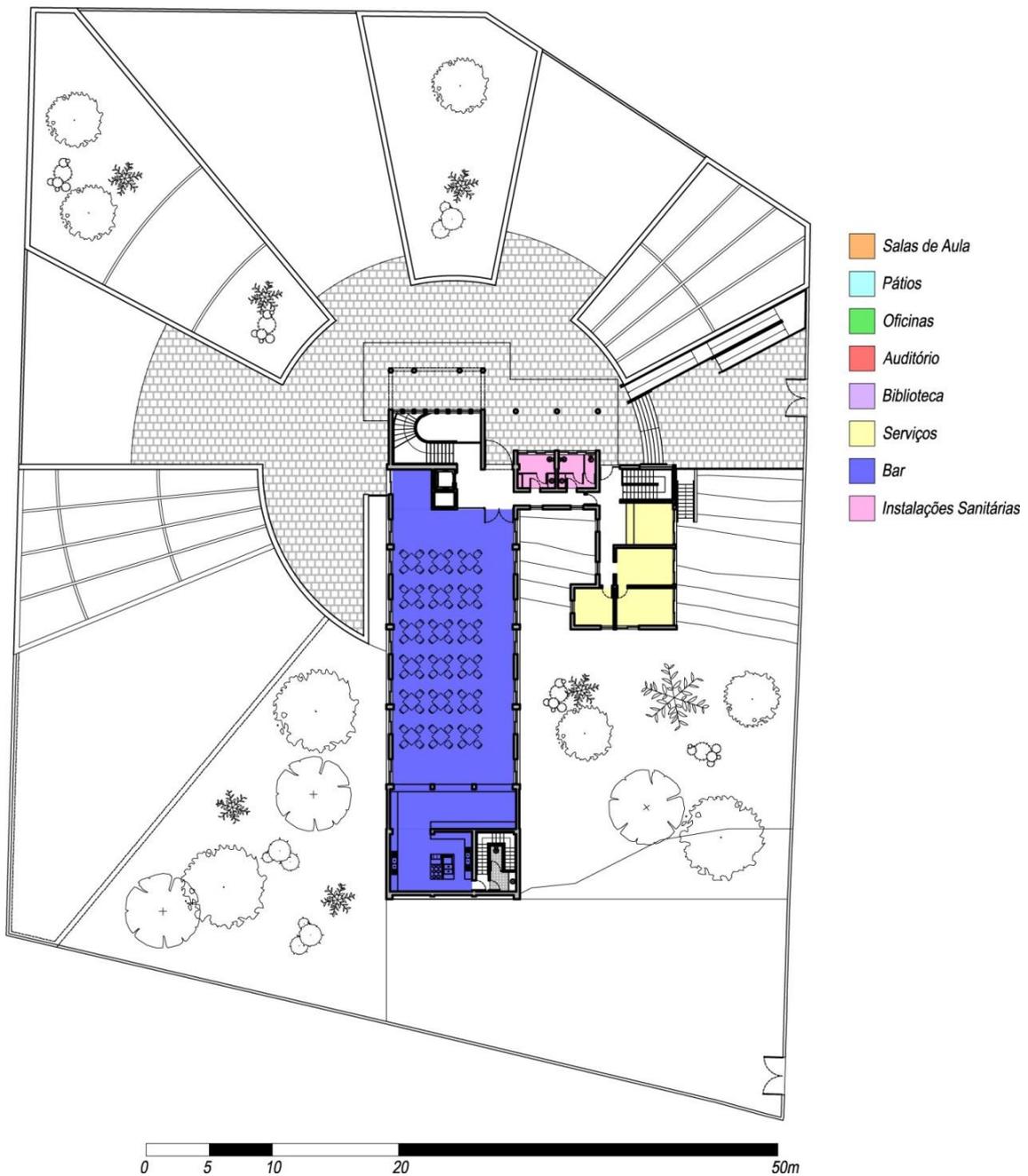
Planta do Piso -2

Assim sendo projetou-se um conjunto, onde no piso -2 (edifício proposto) encontramos salas de aula, oficinas e instalações sanitárias.



Planta do Piso -1

No piso -1, no edificado existente temos um auditório com capacidade para 110 pessoas, sala de professores com sala para reuniões, ligação ao edifício proposto onde se situam as restantes salas de aula, a biblioteca, reprografia, gabinete de informática e instalações sanitárias.



Planta do Piso 0

No piso 0 (piso de acesso ao edifício), zona de restauração e bar e os serviços administrativos.

O acesso permanece através da Avenida Coronel Armando da Silva Macanita, em que à chegada ao edifício, se mantiveram as duas entradas existentes, uma para cada bloco, onde também se encontra o antigo cais de descarga, que será mantido, mas ampliado de modo a melhorar a acessibilidade ao edifício, bem como enaltecendo o espaço, dando-lhe uma maior amplitude.

As zonas de acesso ao interior do edifício serão mantidas, uma para a zona administrativa e outra para os restantes locais. Internamente colocou-se um elevador em zona central, permitindo um fácil acesso a pessoas de mobilidade condicionada a todas as áreas. Tanto no novo edifício como no existente foram criadas saídas de emergência de acordo com os regulamentos.

Deste modo, foram criadas salas que servem as necessidades de oferta formativa, onde mediante uma articulação de horários, salas como as dotadas de equipamentos específicos possam ser usufruídas por todos os cursos. Salas de trabalho, que propiciam o saudável convívio em ambiente multidisciplinar de trabalho aos formandos.

As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização.⁴⁸

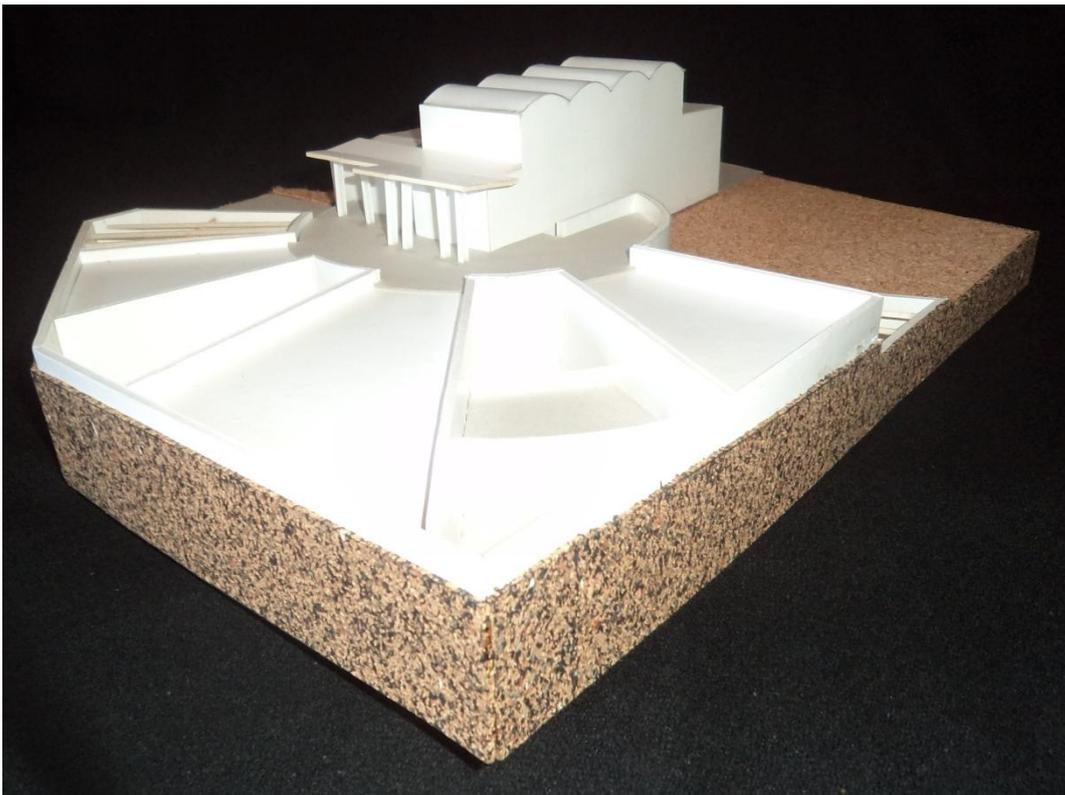
Com este pressuposto em mente, e por se considerar uma boa opção pelas particularidades do projeto, nos materiais idealizados na construção do novo edifício, tende a haver uma continuação sempre que possível. A utilização do betão armado, e de panos envidraçados vêm transmitir uma ideia de homogeneidade, embora noutro ambiente. Embora a escolha dos materiais vá de encontro ao que encontramos no edifício existente, o novo acaba por destacar-se pela sua organização espacial e desenvolvimento no terreno.

⁴⁸ The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*. Nizhny Tagil, 17 de Julho de 2003.

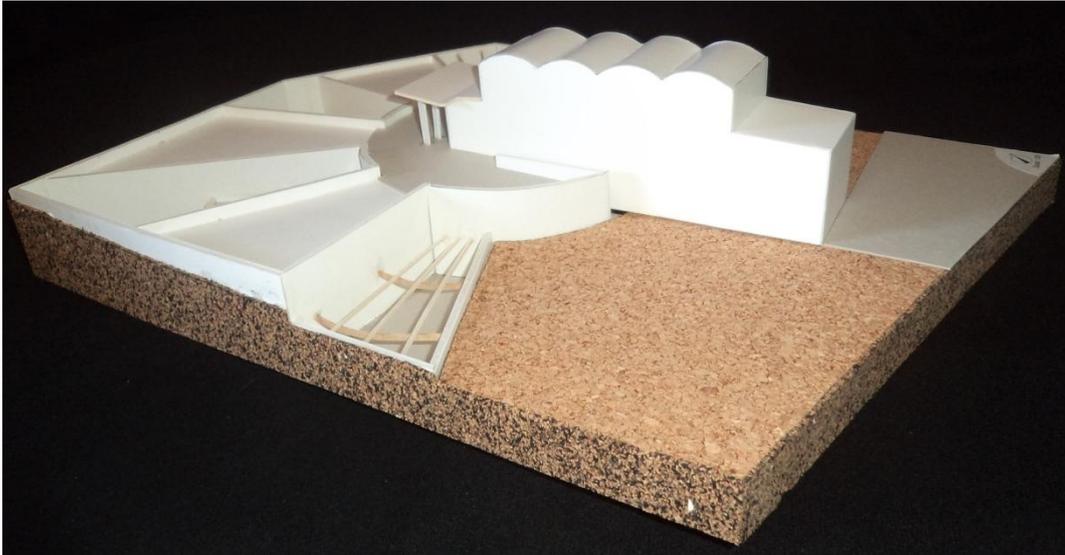
1. Fotos da maquete



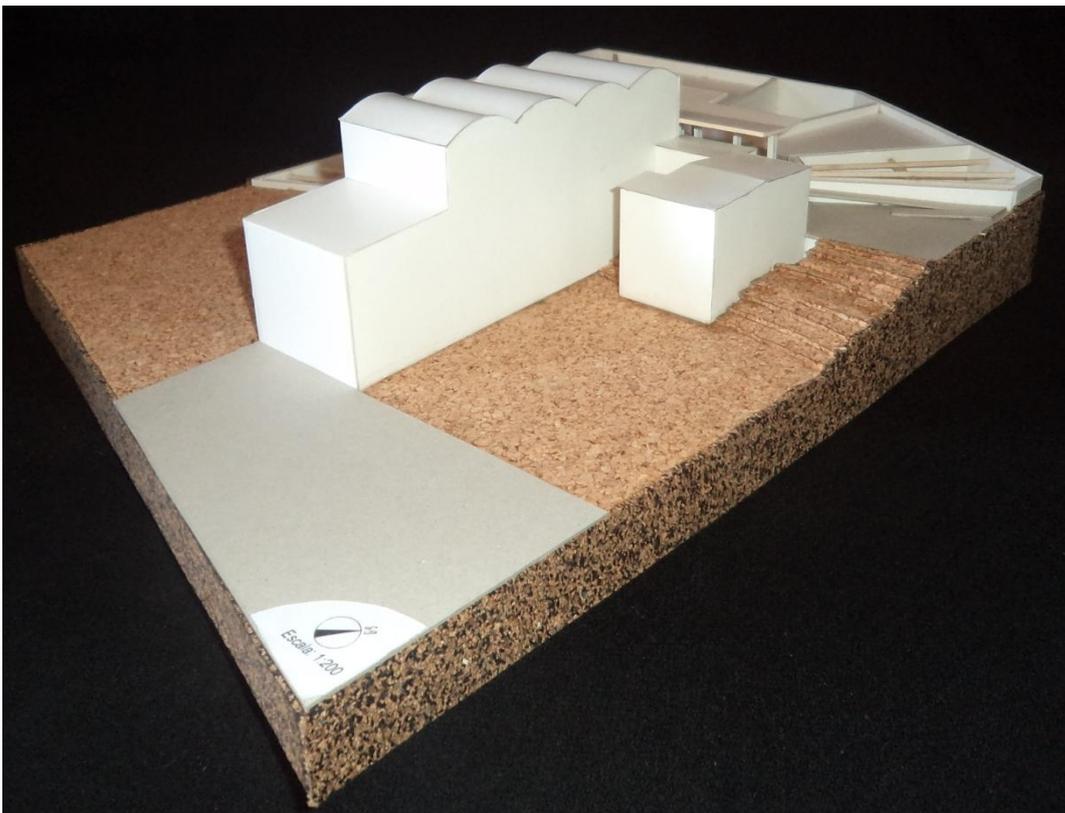
Vista Norte



Vista Oeste



Vista Sul



Vista Este



Vista Superior

2. Lista de peças desenhadas

3. Lista de peças desenhadas

- Nº1 – Planta de Localização
- Nº2 – Planta de Implantação (existente)
- Nº3 – Planta do Piso -1 (existente)
- Nº4 – Planta do Piso 0 (existente)
- Nº5 – Planta do Piso 1 (existente)
- Nº6 – Planta de Cobertura (existente)
- Nº7 – Corte E-F (existente)
- Nº8 – Alçado Soeste (existente)
- Nº9 – Alçado Nordeste (existente)
- Nº10 – Alçado Noroeste (existente)
- Nº11 – Alçado Sudoeste (existente)
- Nº12 – Planta do Piso -2 (existente / alteração)
- Nº13 – Planta do piso -1 (existente / alteração)
- Nº14 – Planta do Piso 0 (existente / alteração)
- Nº15 – Planta do Piso 1 (existente / alteração)
- Nº16 – Planta de Cobertura (existente / alteração)
- Nº17 – Corte A-B (existente / alteração)
- Nº18 – Corte C-D (existente / alteração)
- Nº19 – Corte E-F (existente / alteração)
- Nº20 – Corte G-H (existente / alteração)
- Nº21 – Corte I-J (existente / alteração)
- Nº22 – Alçado Soeste (existente / alteração)
- Nº23 – Alçado Nordeste (existente / alteração)
- Nº24 – Alçado Noroeste (existente / alteração)
- Nº25 – Alçado Sudoeste (existente / alteração)
- Nº26 – Planta de Implantação (proposta)

- Nº27 – Planta do Piso -2 (proposta)
- Nº28 – Planta do Piso -1 (proposta)
- Nº29 – Planta do Piso 0 (proposta)
- Nº30 – Planta do Piso 1 (proposta)
- Nº31 – Planta de Cobertura (proposta)
- Nº32 – Corte A-B (proposta)
- Nº33 – Corte C-D (proposta)
- Nº34 – Corte E-F (proposta)
- Nº35 – Corte G-H (proposta)
- Nº36 – Corte I-J (proposta)
- Nº37 – Alçado Soeste (proposta)
- Nº38 – Alçado Nordeste (proposta)
- Nº39 – Alçado Noroeste (proposta)
- Nº40 – Alçado Sudoeste (proposta)

3. Reflexão crítica

Reflexão crítica

Após o término do que acaba por ser nada mais do que um exercício experimental, considera-se, que, não só os edifícios industriais do período moderno aqui abordados, mas grande parte dos edifícios em condições semelhantes à Adega Cooperativa de Portimão, poderão apresentar condições para tanto, voltar a existir nas funções iniciais como noutras, inseridos na realidade atual bem como em futuras.

Talvez, um dos grandes entraves à requalificação deste tipo de edificado (mantendo a sua imagem intacta o tanto quanto possível) se prenda com o facto, de, como acontecia nos edifícios industriais de finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, pela sua profunda ligação aos equipamentos que encerram.

Dado o rápido avanço tecnológico a que assistimos, um edifício destas características, projetado de forma rígida e exclusivamente para uma determinada atividade, parece não fazer sentido, correndo o risco de rapidamente se tornar obsoleto. Assim, não só a constatação de que a necessidade de intervir neste tipo de edificado, se revela uma crescente necessidade, a mesma deverá ser entendida como uma oportunidade e um desafio em vez de um risco.

Embora um edifício projetado e pensado de raiz para um determinado sítio, seja mais apelativo e menos limitante para o arquiteto. Numa reabilitação o mesmo irá estar a lidar com uma imagem muitas vezes ainda presente da população local, devendo ter o discernimento para ajuizar a sua proposta.

Afinal o que seria de nós sem as nossas memórias?

4. Bibliografia

Monografias

APPLETON, João. **Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e Tecnologias de Intervenção**. 2ª. ed. Amadora, Edições Orion, 2011.

BAPTISTA, Luis Santiago; et al. **Territórios reabilitados**. Caleidoscópio, 1ª edição, 2009.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do património**. Lisboa: Edições 70, 2013.

CHOAY, Françoise. **A Património e Mundialização**. Licorne, 2005.

CURTIS, William J.R. **Arquitetura moderna desde 1900**. 3ª. ed., Porto Alegre: Bookman, 2008.

DOCOMOMO Ibérico, Registo. **A Arquitectura da Indústria: 1925-1965**. Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**, Martins Fontes. São Paulo, 2003.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea**. 2ª. edição revista e ampliada., São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

TOSTÕES, Ana. **Arquitetura Moderna Portuguesa: os Três Modos, Arquitetura moderna portuguesa: 1920-1970**. Lisboa: IPPAR, cop., 2004.

Publicações periódicas

BAPTISTA, Luís Santiago. *Interrogações entre o projeto do espaço formativo e o ensino da arquitetura*. **Arqa** (Portugal Escolar), Nº 109. Lisboa, 2013: 26-27.

BAPTISTA, Luís Santiago; MELÂNEO, Paula. *Perspetivas Críticas sobre o Ensino da Arquitectura*. **Arqa** (Portugal Escolar), Nº 109. Lisboa, 2013: 28-43.

TORRENT, Horacio. *Perspetivas críticas sobre a intervenção no património arquitetónico*. **Arqa** (Revisitações Modernas), Nº 113. Lisboa, 2014: 32-33

TOSTÕES, Ana. *Perspetivas críticas sobre a intervenção no património arquitetónico*. **Arqa** (Revisitações Modernas), Nº 113. Lisboa, 2014: 22-24.

Documentos eletrónicos

Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora. Consultado em 15/01/2014. <http://arquiteturaportuguesa.blogspot.pt/2013/01/complexo-artes-arquitetura-universidade-evora.html>

SERRANO, Ana. *Reconversão de espaços industriais*. Consultado em 20/12/2013. <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/2589870519467/Ana%20Serrano%20-%20Dissertacao.pdf>

Núcleo de arte da oliva abre a 19 de outubro. Consultado em 18/03/2014.
<http://olivacreativefactory.blogspot.pt/2013/09/nucleo-de-arte-da-oliva-abre-19-de.html>

FOLGADO, Deolinda. *Património Industrial - Arquitectura Industrial Moderna (1925-1965).* Consultado em 18/03/2014.
<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/12/>

Consultado em 15/04/2014.
<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

Consultado em 21/05/2014. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio>

PIRES, Daniel Henrique Sobreira. *A Escola do Século XXI: Uma escola entre dois tempos.* Consultado em 12/11/2013. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/14069>

DURMISEVIC, Sanja. *The future of the underground space.* Consultado em 15/11/2013. <http://fbestudiocollaboration.unsw.wikispaces.net/file/view/Future+of+underground+space+S.+Durmisevic.pdf>

SILVA, Vasco Emanuel Machado Pinto. *Revolução (Des)Industrial: Museificar, Reutilizar e Converter.* Consultado em 07/05/2014.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11536>

COSTA, Tiago Filipe Mavigné de Sousa Nunes. *Património industrial português da época do movimento moderno: das experiências modernistas às novas necessidades contemporâneas.* Consultado em 17/05/2014
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15829>